

Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda

Essays on Nationality: Cordiality, Citizenship and Exile in the Works of Sérgio Buarque de Holanda

Edgar Salvadori de Decca¹

Resumo

A questão de “quem somos” foi levantada no século 19, com a consolidação do Estado nacional no Brasil, e permaneceu como nossa indagação mais urgente, tornando-se a partir dessa época uma verdadeira obsessão da intelectualidade no Brasil. Dessa indagação do ser nacional, projetam-se todos os modelos políticos da intelectualidade brasileira, desde o século 19. Este texto observa como a obra de Sérgio Buarque de Holanda enquadra-se nessa perspectiva, reformulando-a.

Palavras-chave: Sérgio Buarque de Holanda, Nacionalidade, Cordialidade.

Sérgio Buarque de Holanda, um historiador cuja obra origina-se na idéia do desterro! Surpreendam-se, porque Sergio ao mesmo tempo em que pensa as raízes da nacionalidade, desenraiza-se. Talvez a obra que eu vá analisar mais detidamente nesta conferência, seja uma obra de desterro, porque *Raízes do Brasil*, obra que nós vamos estar nos referindo, é uma obra que foi concebida no exterior. Concebida nos anos que Sérgio Buarque viveu na Alemanha. Portanto, é uma experiência de olhar o Brasil de uma maneira estrangeira. Quase que desterrado, longe da sua própria terra. Depois de muitos anos, precisamente na década de cinquenta, esse olhar estrangeiro seria dirigido à Portugal na época dos descobrimentos. E esse olhar estrangeiro produziu uma instigante tese de mestrado que está, até hoje, inédita entre nós. No entanto, mesmo não sendo matéria dessa conferência, devemos lembrar que esse olhar das fronteiras é marcante

¹ Edgar Salvadori de Decca é Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

na obra de Sergio desde *Raízes do Brasil*, debruçando-se sobre as fronteiras da Europa. Esse olhar, como já disse, anteriormente, é fundamental para a construção de sua tese de mestrado. No entanto, precisamos insistir em outro ponto, porque é o outro caminho de minha pesquisa na historiografia de Sergio, a fronteira do Oeste, tornou-se privilegiada em toda a sua obra, destacando-se as incursões nas fronteiras na obra *Monções, Caminhos e Fronteiras* e no seu texto póstumo inacabado *O Extremo Oeste*, preparado com carinho pelo historiador, amigo de Sergio, José Sebastião Witter. Entre a primeira concepção de fronteira e a segunda há enormes diferenças. A primeira é tributária da obra de Ranke, entendida a fronteira como território ponte e a segunda concepção, inspirada em Frederick Turner, nos sugere a fronteira como lugar da história, posto que, nelas as culturas estabelecem as suas identidades e diferenças. No entanto, não tratarei desse assunto nesta conferência, muito embora eu possa voltar ao assunto no momento das questões.

Sérgio Buarque tem uma trajetória extremamente peculiar do ponto de vista historiográfico. Eu gostaria de, primeiramente, dar um panorama sucinto dos momentos mais marcantes da trajetória intelectual de Sergio Buarque. O primeiro momento marcante da obra de Sérgio Buarque é justamente o livro que está sendo objeto da nossa reflexão: *Raízes do Brasil*, livro esse escrito e publicado em 1936, mas segundo depoimentos do próprio autor, todo ele concebido na Alemanha. Na verdade, nessa viagem, ele deveria ter ido a Moscou para conhecer o primeiro país de experiência comunista na história. Sérgio Buarque tinha essa missão a convite de um jornal brasileiro e a sua viagem se frustrou e ele acabou passando quase dois anos na Alemanha, aonde ele teria escrito uma obra de quatrocentas páginas, texto esse que jamais localizado. Apesar do arquivo de Sérgio Buarque pertencer hoje a Unicamp, não se tem conhecimento desse texto. Mesmo assim, muitos biógrafos do autor se referiram a essa suposta obra que ele teria escrito na Europa cujo título seria *Uma teoria da América*. É possível perceber essa teoria da América em *Raízes do Brasil*. O livro é construído por um sistema de oposições que durante todo o tempo relaciona a cultura ibérica nas suas dimensões lusitanas e espanholas. Os elementos que Sérgio Buarque tenta encontrar dessa formação histórica da América Latina estariam traduzidos em uma teoria geral, com pontos em comum com o que significa essa Europa fronteiriça pós Pirineus, que seria a Europa ibérica, já quase próxima à África, e com a sua ponte para o continente americano. Países fronteiriços que, um historiador muito caro a Sérgio Buarque de Holanda, Leopoldo Hank, também pensava neles, quando escreveu *A formação da Europa*. Eram esses países fronteiriços da Europa como Portugal, Espanha e a Rússia também. Sérgio Buarque provavelmente idealizou a obra de *Raízes do Brasil*,

originalmente num tema maior que seria *Uma teoria da América*. Essa *Teoria da América*, portanto, em 1936, iria se transformar na obra *Raízes do Brasil*. Uma obra de desterro, eu diria. Uma obra de Sérgio desterrado na Alemanha e que, em seguida, se nós formos observar a trajetória historiográfica do autor, veremos que há uma seqüência de trabalhos quase de caráter etnográfico, em que Sérgio Buarque mergulha para dentro desse território de desterro que é o Brasil. Livros que são significativos nesse sentido são: *Raízes do Brasil*, *Monções*, *Caminhos e fronteiras* e *Extremo Oeste*. De novo, aparecem relações de desterro dentro da própria terra. A questão da identidade ou da falta dela aparece em viagens historiográficas voltadas para o território do desterro. As idéias dos próprios títulos são sugestiva s: *Extremo Oeste*, isto é, a fronteira mais longínqua. *Caminhos e fronteiras* dá a idéia de movimento, do instável, do móvel e do passageiro, e a fronteira como uma noção de limite. Sérgio Buarque, portanto, nesse período olha o desterro a partir de dentro. Faz uma extrema interiorização da experiência de desterro. Permanece durante anos, como diretor, daquilo que a gente conhece hoje como Museu da Independência do Brasil – o Museu do Ipiranga. Passado esse período Sérgio Buarque de Holanda nos surpreende com uma tese inédita, um texto que jamais foi tornado público e que talvez, algum dia, com a anuência de sua família, todos tenham oportunidade de conhecer. Esse texto inédito é contemporâneo a outro texto, que é uma cátedra que ele defende na USP, em 1958, *Visão do paraíso*. O texto inédito de Sérgio é uma tese de mestrado, defendida em uma escola importantíssima de São Paulo, que foi criada pelo empresariado industrial paulista, em 1933 – a Escola Livre de Sociologia e Política. Essa escola tinha como projeto educacional, a criação de uma liderança moderna em São Paulo, voltada para as novas responsabilidades do empresariado perante a modernização do Brasil, com o intuito de substituir as elites tradicionais, formadas no bacharelismo, um traço muito condenado por Sérgio Buarque de Holanda. A sua tese de mestrado foi defendida, justamente, nessa escola criada pelo empresário Roberto Simonsen, um dos grandes intelectuais e promotores da industrialização no Brasil. Podemos dizer mais uma vez, que se trata também de uma tese sobre o desterro.

A tese se intitula *Elementos formadores da sociedade brasileira na época dos descobrimentos*. Três meses antes de defender a tese *Visão do paraíso*, que também é um livro belíssimo, de uma cultura fantástica, cuja característica principal é mostrar a percepção que o estrangeiro tinha da América e como ele a idealizou a partir da própria Europa. De novo, os temas da fronteira, do movimento e do desterro parecem são explorados por Sérgio e, outra vez, são temas que ele retoma com insistência. Ao final da Exposição que acompanha esse Seminário, o título da última sala é justamente *Aventura, cidadania e*

Ensaio de
nacionalidade:
cordialidade, cidadania
e desterro na obra de
Sérgio Buarque de
Holanda

Locus:
revista de
história,
Juiz de Fora,
v. 12, n. 1,
p. 145-159, 2006

desterro. Reunindo, justamente, esses elementos: o aventureiro como um ser em movimento; a cidadania que requer uma estabilização e o desterro que talvez seja o lugar da múltipla identidade.

Na noite de hoje, eu vou me dedicar à análise de alguns elementos da obra de estréia de Sergio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*.

De todos aqueles autores dos anos 1930, conhecidos como intérpretes do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda desponta como o mais inventivo e instigante. No famoso trio criado por Antonio Candido, todos eles são reconhecidos como redescobridores do Brasil, autores cuja formação intelectual deram novas interpretações sobre o ser brasileiro. No entanto, Sérgio Buarque acabou se destacando pela criação de uma tipologia do ser nacional absolutamente original e controversa. Falamos dos autores que Antonio Candido se referiu: Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque. A característica marcante da interpretação do Brasil criada por esses autores foi a utilização original de conceitos sociológicos em oposição aos conceitos raciais tão sobejamente utilizados por pensadores do Brasil até a década de vinte do século passado. Sem dúvida, essa distinção foi importante, pois retirou o substrato de uma ideologia racial que caracterizava as interpretações do ser nacional. Esse modelo de interpretação do Brasil baseado em caracteres raciais não era novo, tampouco era também a preocupação de se definir “quem somos nós”. Essa questão de “quem somos” foi levantada no século 19, com a consolidação do Estado nacional no Brasil, e permaneceu como nossa indagação mais urgente, tornando-se a partir dessa época uma verdadeira obsessão da intelectualidade no Brasil. Evidentemente, a questão tem uma conotação absolutamente política, porque ao definir “quem somos”, definimos também os agentes legitimamente reconhecidos para a ação política. Não é por acaso que essa questão tenha sido formulada na inauguração do Estado nacional brasileiro e tenha se tornado a indagação maior de toda a tradição intelectual do Brasil. Dessa indagação política do ser nacional, projetam-se todos os modelos políticos da intelectualidade brasileira, desde o século 19.

Pois bem, dizíamos que Sérgio Buarque de Holanda e os seus outros parceiros da década de 1930 enquadram-se nessa perspectiva, mas reformulando-a. Evidentemente, suas obras têm conotações políticas evidentes. Tanto Sérgio, como Freyre e Prado Júnior, ao perguntarem “quem somos” preocuparam-se com os destinos da nacionalidade e, nesse sentido, abriram o debate para novas direções, com a expectativa de redefinição da presença dos sujeitos sociais novos na cena brasileira para se pensar a cidadania.

No entanto, antes de mais nada, devo adiantar o porquê de minha predileção pela obra de Sérgio Buarque e de qual obra estou me

referindo. Sérgio surgiu no cenário intelectual brasileiro nos anos 1920, junto com a geração conhecida como modernista. Tinha na época não mais do que vinte anos. Dirigiu periódicos, fez ensaios de crítica literária em defesa de padrões novos e modernos para a cultura brasileira. Posicionou-se contrário à impostação e ao artificialismo de formas literárias adotadas pelo Parnasianismo e pelo espírito mimético de uma intelectualidade servil aos padrões estéticos vindos da Europa. Dizia até que gostaria de abater a tiros os parnasianos na praia de Copacabana. Excessos do modernista, é claro, mas sinal de uma postura intelectual pouco subserviente aos padrões das elites culturais brasileiras. Sua impertinência tornou-se um obstáculo para a própria permanência no grupo mais radical e, desgostoso da vida literária dos anos 1920, abandonou tudo, inclusive os seus livros e se dirigiu a um desterro dentro de sua própria pátria em Cachoeiro de Itapemirim do Espírito Santo, onde dirigiu um pequeno jornal. Por lá ficou até o final dos anos 20, quando foi convidado a viajar para a Europa, como correspondente do jornal *Diário da Noite*, com a tarefa de realizar uma viagem cultural e de conhecimento do país sede da primeira revolução comunista da história, a União Soviética. Para isso, deveria ir à Alemanha e estabelecer contatos que o levariam para essa nova aventura cultural. Sua estadia na Alemanha iria mudar os rumos da vida de Sérgio Buarque. Não só não foi para a União Soviética, como acabou se envolvendo com a vida da boemia literária de Berlim, tendo a oportunidade de conviver com intelectuais do círculo de Stefan George e assistir a aulas do historiador Meinecke, que lhe fez conhecer de perto a obra do sociólogo alemão Max Weber. Nesse convívio entre a boemia e a universidade Sérgio começou a elaborar o seu projeto de reinterpretação do Brasil, pensando numa nova perspectiva política para a sociedade brasileira.

Inicialmente sua pretensão foi muito maior do que uma análise do ser nacional. Por suas ligações modernistas com a crítica literária latino-americana, Sérgio, inicialmente, pretendeu escrever um longo ensaio interpretativo intitulado *Teoria da América*. Embora esse ensaio nunca tenha sido encontrado entre os escritos do autor, Sérgio alega, em algumas entrevistas, que chegou ao Brasil no final do ano de 1930, com mais de 400 páginas escritas. Verdade ou não, pouco importa. O certo é que, já em 1935, Sérgio Buarque traria a público aquele que seria o núcleo de seu livro mais importante, *Raízes do Brasil*. Convidado pela *Revista Espelho*, Sérgio Buarque publica, então, *Corpo e alma do Brasil: ensaio de psicologia social*. Nesse artigo, pouco conhecido entre nós, Sérgio anuncia pela primeira vez a sua caracterização do Homem Cordial e que depois se consagraria como o conceito mais instigante e polêmico de seu livro de estréia, *Raízes do Brasil*. É importante assinalar, contudo, os passos dessa polêmica em que Sérgio se envolveu. Embora muito evidente a sua dívida à

Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda

Locus:
revista de história,
Juiz de Fora,
v. 12, n. 1,
p. 145-159, 2006

sociologia de Max Weber, tendo como baliza a constituição do tipo ideal capaz de assumir os elementos marcantes do caráter nacional. Contudo, são menos evidentes as outras filiações teóricas. Por exemplo, uma que me interessa particularmente, é a presença da filosofia de Nietzsche na caracterização do homem cordial e suas relações com civilidade. Sérgio se utiliza de uma citação de Zaratrusta logo no início do capítulo sobre o homem cordial, que talvez seja a própria alma do homem cordial: “vosso mau amor de vós mesmos fez de vosso isolamento um cativoiro”. Essa é uma frase forte e marcante para a conscientização do homem cordial de Sérgio. Mas, não vamos nos adiantar demais. Essa polêmica rendeu muitas páginas de tinta, mas nem sempre agradou a Sérgio. Seu maior crítico foi o poeta Cassiano Ricardo, que confundiu o conceito de cordialidade com o de bondade, coisa absolutamente distinta para Sérgio Buarque e também para críticos literários como Oswald de Andrade, que vaticinou que “o homem cordial tem, no entanto, dentro de si a sua própria oposição. Ele sabe ser cordial como sabe ser feroz”.² Afora esses mal-entendidos, há ainda aqueles que consideram as análises de Sérgio simpáticas ao homem cordial como se o autor estivesse definitivamente seduzido pelo conceito que ele próprio criou.

Feitos todos os reparos, é claro que os intérpretes do Brasil imbuíram-se de uma tarefa, que eles mesmos consideravam inadiável. Isto é, procuram subordinar – e esta é uma característica dos intérpretes do Brasil – a ação política aos imperativos ontológicos do ser nacional. Em outras palavras, segundo uma tradição já muito brasileira, a ação política só seria eficaz se fôssemos capazes de responder “quem somos”. Paradoxalmente, essa dependência da política à ontologia do ser nacional retira aquele elemento de indeterminação e de liberdade da própria ação política, que para ser uma ação criadora do novo deve se abstrair e até mesmo se desencadear ali onde há a ausência do ser. Tendo esse horizonte de preocupações ontológicas para a orientação da política, podemos entender melhor esses três grandes intelectuais que se formaram no Brasil dos anos 1920.

Não são poucos os intelectuais latino-americanos que remetem à ação política e também a condicionam numa ontologia do ser nacional. Isto porque, para a maioria dos intérpretes da nacionalidade, o que somos é sempre a projeção de um outro, isto é, do dominador estrangeiro europeu. Sérgio Buarque procura encontrar uma resposta para esse enigma identitário e que de certa forma torna-se um obstáculo para a ação política no presente. Apesar de ter escrito *Raízes do Brasil* na década de trinta do século 20, ele entra num debate que já havia se instalado entre a intelectualidade latino-americana a partir, pelo menos, do período do modernismo. Há outras obras emblemáticas sobre a questão da nacionalidade no continente

americano, destacando-se entre elas, pelo menos, *Os sertões* de Euclides da Cunha, *Facundo* de Domingo Sarmiento e também *Ariel* de Jose Enrique Rodó. Contudo, a análise de *Raízes do Brasil* nos remete para um texto ainda mais emblemático para o tratamento da questão da identidade nacional. E, talvez, sob o meu ponto de vista, e hoje, conversando com o Silviano, ele também vê muita familiaridade e aproximação do texto de *Raízes do Brasil* e o texto de Octávio Paz e que eu passo a transcrever um pequeno trecho dos signos de Signos em rotação de Octávio Paz. Ele, assim como Sérgio Buarque, fala de uma dimensão que é esse estranhamento de signos latinos americanos. Diz Octávio Paz, muito à semelhança de Sérgio:

Antes de ter existência própria, começamos por ser uma idéia européia (...) A Europa é o fruto, de certo modo involuntário, da história européia, enquanto nós somos a sua criação premeditada. Na Europa a realidade precedeu o nome. A América, pelo contrário, começou por ser uma idéia (...) O nome que nos deram nos condenou a ser um mundo novo. Terra de eleição do futuro, antes de ser, a América já sabia como iria ser. Mal se transplantou para nossas terras, o imigrante europeu já perdia a sua realidade histórica: deixava de Ter passado e convertia-se em projétil para o futuro (...) Um ser que não tem passado, que não tem mais do que futuro, é um ser de pouca realidade. Americanos, homens de pouca realidade, homens de pouco peso. Nosso nome nos condenava a ser projeto histórico de uma consciência alheia: a européia.³

Apesar de ser um texto anterior ao de Paz, parece-me que o homem cordial de Sérgio Buarque começa a responder esta indagação do escritor mexicano. Vejamos, portanto, a análise de Sérgio Buarque sobre aquele que seria a nossa maior contribuição para a civilização, o homem cordial.

Há ainda uma outra observação no que se refere à obra de Sérgio Buarque. Após a publicação de *Raízes do Brasil*, que não é propriamente um livro de história, mas uma análise histórica da formação nacional seguida de diagnósticos sociológicos e políticos, o autor irá se dedicar quase exclusivamente ao aprofundamento do conhecimento daquele passado no qual o ser nacional se formou e se viu aprisionado. Por esse motivo, a história para Sérgio não deveria se tornar o apanágio dos poderosos e dos conservadores. O passado não poderia se tornar letra morta nas mãos do historiador. O historiador deveria reconstituí-lo, para depois superá-lo, não permitindo que o passado viesse a se consagrar como mito e como obstáculo para se pensar e agir no presente.

Ensaio de
nacionalidade:
cordialidade, cidadania
e desterro na obra de
Sérgio Buarque de
Holanda

Locus:
revista de
história,
Juiz de Fora,
v. 12, n. 1,
p. 145-159, 2006

Agora, podemos nos deter mais demoradamente no homem cordial de Sérgio Buarque. Ele próprio nos sugere que essa expressão foi cunhada pelo escritor e poeta Ribeiro Couto, ao afirmar que a contribuição brasileira para a civilização será a “cordialidade”. Mas, para completar a sugestiva idéia de Couto, Sérgio vai buscar na história de nossa formação social a essência desse um ser social que, segundo ele, está desterrado em sua própria terra. Não se trata de um estudo de nosso perfil psicológico, entendido como uma entidade fixa e inalterável, uma essência sem história. Ao contrário, apesar de pretender reconhecer a psicologia desse ser cordial, Sérgio reconhece o homem cordial como um ser social e produto de nossa formação histórica. Portanto, um ser que ao mesmo tempo está preso ao passado, mas também submerso na própria corrente da história. No seu presente esse ser encontra-se, como dizer desterrado. Isto é, vive o drama desse lugar nenhum, de ser uma periferia sem centro. Isso porque a máscara que esse ser construiu para si pode estar em vias de esfacelamento, pelas mudanças ocorridas em profundidade na sociedade e na história recente do Brasil. O próprio Sérgio em certa ocasião chegou a dizer que a polêmica em torno do homem cordial estava desgastada, porque estava se acendendo velas para um defunto frio. Ora, não se trata, portanto, como pretendeu Cassiano Ricardo, de se fazer um juízo moral sobre a cordialidade. Ela é algo que se impregna ao ser nacional e que, pelo bem ou pelo mal, e constitui o elemento mais sólido de nossa formação, enquanto ser nacional, segundo Sérgio Buarque. Uma vez que a cordialidade deita suas raízes na história, vejamos como ela foi criada.

De acordo com a definição de Sérgio, o homem cordial seria antes de tudo um ser psicológico completamente avesso à civilidade, em tudo que essa tem de formalidade, regras e convenções. Não é que o homem cordial não tenha esses traços, ele os tem somente que, de modo espontâneo. Segundo Buarque “a lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definitivo do caráter brasileiro, na medida, ao menos, que permanece fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal”.⁴ Isto é, a máscara da civilidade que o indivíduo moderno constrói para si. Como polidez, além de espontânea, é o instrumento que o retira de sua individualidade, projetando-o para o viver social. Em resumo, o viver em sociedade seria para Sérgio Buarque, um subterfúgio do homem cordial ao horror que ele tem de viver consigo mesmo, como Nietzsche refere em Zaratrusta. Para Sérgio, “no homem cordial a vida em sociedade é de certo modo uma libertação do verdadeiro pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência”.⁵ A cordialidade, portanto, não cabe juízo ético, uma vez que é um elemento constitutivo de um ser e enraizado na historicidade

desse ser social. Nada mais estranho à cordialidade do que a suposição de que ela é necessariamente boa e que por outro lado seria sinônimo de concórdia e também estaria carregada de sentimentos positivos. Segundo Buarque, a inimizade pode muito bem ser cordial, isto porque, assim como a amizade, ela também nasce do coração. Em suma, tanto uma como a outra nascem na esfera do íntimo, do familiar e do privado e não na esfera pública. Ao contrário da inimizade ou da amizade, na esfera pública desenvolveríamos o sentido racional de cooperação e, assim, o custo da constituição da esfera pública seria, justamente, o recuo dos sentimentos à esfera do privado. Neste sistema de oposições entre a formação da esfera pública e o domínio do mundo privado vão se delineando, no livro *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque, os traços do homem cordial. Em um comentário às críticas de Cassiano Ricardo, Sérgio retoma essas questões, que valem a pena ser transcritas:

Cumpra ainda acrescentar que essa cordialidade, estranha, por um lado, a todo o formalismo e convencionalismo social, não abrange, por outro, apenas e obrigatoriamente, sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem assim da esfera do íntimo, do familiar, do privado. Pertencem, efetivamente, para recorrer a termo consagrado pela moderna sociologia, ao domínio dos grupos primários, cuja unidade, segundo observa o próprio elaborador do conceito, não é somente de harmonia e de amor. A amizade, desde que abandona o âmbito circunscrito pelos sentimentos privados ou íntimos, passa a ser, quando muito, benevolência, posto que a imprecisão vocabular admita maior extensão ao conceito. Assim, como a inimizade, sendo pública ou política, não cordial, se chamará mais precisamente hostilidade.⁶

Após essa aguda citação de Sérgio, podemos, agora, abordar outros aspectos do homem cordial.

As pretensões de Sérgio Buarque de construir uma teoria da América parecem ser muito procedentes quando analisamos a estrutura da obra *Raízes do Brasil*. Toda ela é constituída em um sistema de oposições e a todo o momento da obra há o contraste entre a colonização espanhola e a colonização portuguesa. Não que elas acabem dando resultados culturais e societários muito diferentes, mas Buarque identifica traços de uma propensão racionalista na dominação espanhola da América, principalmente, no capítulo em que ele compara o traçado urbano das cidades coloniais, percebemos que a atitude racionalista predomina entre os espanhóis, ao passo que entre os portugueses o traçado é mais improvisado e se adapta

Ensaio de
nacionalidade:
cordialidade, cidadania
e desterro na obra de
Sérgio Buarque de
Holanda

Locus:
revista de
história,
Juiz de Fora,
v. 12, n. 1,
p. 145-159, 2006

melhor ‘a paisagem e ao meio ambiente. Opõe-se, então, o ladrilhador e o semeador – título do capítulo de Sérgio Buarque. Do lado espanhol, o esforço na superação e retificação da paisagem agreste, ato de vontade humana. De outro, nas palavras de Sérgio, revela-se na construção das cidades o espírito do português, que foi levado mais pela rotina do que pela razão abstrata. Em resumo:

a cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma providência, sempre esse significativo abandono que exprime a palavra desleixo, palavra que o escritor Aubrey Bell considerou tão tipicamente portuguesa como saudade e que, no seu entender, implica menos a falta de energia do que a íntima convicção de que não vale a pena.⁷

Absorvido pela idéia de construir uma teoria da América que viesse a explicar os resultados da ocupação européia nos trópicos, Sérgio Buarque faz uma afirmação surpreendente e que deixou muitos leitores estrangeiros perplexos. Logo no primeiro parágrafo do livro *Raízes do Brasil* em sua primeira edição, o autor diz: “Todo o estudo compreensivo da sociedade brasileira há de se destacar o fato verdadeiramente fundamental de constituirmos o único esforço bem-sucedido, e em larga escala, de transplantação da cultura européia para uma zona de clima tropical”.⁸ Esse ponto de partida irá nortear toda a sua percepção histórica da formação da sociedade brasileira, contrastando-a com outras sociedades latino-americanas. Sua tese não deixa de ser polêmica. Segundo o autor, o sucesso da colonização portuguesa em zonas tropicais deveu-se, justamente, ao caráter mole e brando dessa ocupação, isto é, à capacidade adaptativa dos portugueses à paisagem tropical. Contudo, essa compreensão das raízes ibéricas de nacionalidade não fizeram do texto de Sérgio uma bandeira de tradicionalismo e conservadorismo. Ao contrário, abriu as brechas para a compreensão do sentido antropofágico da cultura nacional no seu nascedouro e que, de certo modo, se desvirtuou pela adoção de idéias completamente estranhas ao nosso ambiente cultural, como foi o caso das elites culturais brasileiras no século 19. Nesse caso, Sérgio refere-se, abertamente, à afetação de uma elite letrada que se criou no Brasil depois do processo de independência. Na adoção de princípios liberais, que pouco se enraizavam na nossa sociedade, o homem cordial, por sua própria preguiça, tornou-se o bacharel preocupado, exclusivamente, em exaltar as suas qualidades pessoais. Aos poucos, no afã de parecer civilizado, o homem cordial de Sérgio abandona as suas próprias raízes formadoras e que propiciaram o

sucesso da implantação de uma cultura européia nos trópicos, adotando as formas artificiais de uma civilidade que lhe é estranha. A pertinência do comentário de Sérgio sobre a afetação do homem cordial é importante de ser observada:

A dignidade e a importância que confere o título de doutor permitem ao indivíduo atravessar a existência com discreta compostura e, em alguns casos, podem libertá-lo da necessidade de uma caça incessante aos bens materiais, que subjuga e humilha a personalidade... O que importa salientar aqui é que a origem da sedução exercida pelas carreiras liberais vincula-se estreitamente ao nosso apego quase exclusivo aos valores da personalidade... O prestígio da palavra escrita, da frase lapidar, do pensamento inflexível, o horror ao vago, ao hesitante, ao fluido, que obrigam à colaboração, ao esforço e, por conseguinte, a certa dependência e mesmo abdicação da personalidade, têm determinado assiduamente a nossa formação espiritual. Tudo quanto dispense qualquer trabalho mental aturado e fatigante, as idéias claras, lúcidas, definitivas, que favorecem uma espécie de atonia da inteligência, parecem-nos constituir a verdadeira essência da sabedoria.⁹

Enfim, lendo com atenção esses comentários, podemos concluir que existem muito poucas análises tão sensíveis ao modo de adoção das idéias liberais em uma cultura permeada pelos valores do personalismo e do patriarcalismo. Sérgio Buarque nos dá a perspectiva a partir da qual devemos avaliar o modo como ocorre a importação de idéias em nossa formação social. Afinal, sem deixar de lado as suas raízes, o homem cordial se completou, justamente, pela adoção de uma máscara de civilidade. O horror ao individual, ao espírito de cooperação, ao trabalho sistemático, às condutas reguladas por normas e valores universais conduz o homem cordial ao supra-sumo de sua auto-imagem, isto é, ao espírito de bacharelismo, modelo acabado da adoção do liberalismo em um ambiente cultural que lhe é estranho. Aqui entre nós o liberalismo se transforma num verniz superficial, sem peso e profundidade, porque atrás da máscara da civilidade encontra-se aquele que tem o maior pavor da individualidade, o homem cordial.

Por esse motivo, há em nossa percepção de ser nacional uma sensação de desterro, de sermos estranhos à nossa própria terra. Isso porque o homem cordial aos poucos vai escondendo as suas raízes por detrás da máscara de polidez e civilidade. Essa percepção de Sérgio Buarque foi muito bem apreciada por um amigo, o crítico literário e escritor Sérgio Miliet. Tecendo comentários sobre o homem cordial, Miliet observa:

Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda

Locus:
revista de história,
Juiz de Fora,
v. 12, n. 1,
p. 145-159, 2006

Essa mentalidade prática que se manifesta desde os primeiros; e melhor se evidencia com o correr do tempo, tanto na organização das estatísticas da colônia – precisas e conduzidas em vista do aproveitamento econômico e sociológico dos dados – como nas cartas dos missionários, essa mentalidade que dá Camões, um narrador, e não Cervantes, um sonhador, é que faz o Brasil o milagre sul-americano. Foi o que Sérgio Buarque soube compreender, não sendo ele próprio afetado pela adesão aos formalismos.¹⁰

Há nas análises de Sérgio Buarque sobre a cordialidade muitas sutilezas e que nem sempre foram percebidas pelos seus críticos. O exemplo mais conhecido foi o da polêmica criada por Cassiano Ricardo. Tal como ele, outros críticos, como Dante Moreira, interpretaram o conceito de homem cordial associado à idéia de bondade. No entanto, o homem cordial faz da vida social um prolongamento de sua intimidade e por esse motivo podemos observar fenômenos de comoção de massas na história brasileira recente, que não passam de manifestações coletivas de sentimentos privados. Esse é um ponto importantíssimo da análise de Sérgio, em que ele diz que a vida social e a esfera pública são coisas absolutamente distintas.

Um exemplo muito conhecido por nós foi a comoção dos brasileiros pela morte do piloto Ayrton Senna. Mais do que nenhum outro ídolo, Senna foi acalentado no recanto dos lares, no íntimo, e a emoção de suas conquistas transformou-se em assunto doméstico e familiar deste povo “endomingado”, que parece viver sempre num domingo. Todas as emoções e sentimentos com relação ao ídolo pertenceram às manhãs de domingo, na esfera da intimidade, inclusive sua própria morte. Afinal, o ídolo das pistas acabou morrendo na sala de visitas de milhares de famílias brasileiras. Aquelas manifestações coletivas e de grande impacto emocional durante o enterro do ídolo, longe de se transformarem em ações públicas de consolidação da cidadania e da democracia, foram vividas, exclusivamente, como momentos para extravasar sentimentos íntimos reprimidos, confinados na esfera do privado. Nesse caso, não houve uma experiência de consolidação de uma esfera pública, propriamente, política.

Ora, um exemplo como esse tem implicações profundas em nossa cultura. Esse acontecimento aponta para o cálculo que devemos fazer para a instituição de uma ordem democrática entre nós. Sérgio Buarque faz um cálculo muito importante: Qual é o custo que nós temos ao abandonar o traço da cordialidade? O custo de se viver em sociedade, alheio a si mesmo, tão ao gosto do homem cordial, é muito grande, e a sua preservação também se torna excessivamente alta. Ao contrário de outras culturas, nas quais prevalece o princípio

da individualidade e a esfera pública pode ser mantida a um custo relativamente pequeno, no nosso caso, o custo de se abrir mão de viver no social é extremamente alto, por isso que é difícil de constituir uma esfera pública entre nós. Enfim, não vale a pena o sacrifício, em nome de uma maior ampliação da esfera pública e dos direitos da cidadania. O homem cordial não quer entrar na esfera pública como indivíduo. Muito pelo contrário, no viver em sociedade ele pode, justamente, fugir do horror da individualidade.

A percepção histórica do homem cordial é, nesse sentido, dialética e nos orienta para a compreensão do porquê do sucesso da aventura portuguesa nos trópicos. Mas ao mesmo tempo, aponta os limites dessa aventura. Sem os condicionantes psicológicos da cultura portuguesa projetada nos trópicos, teria sido impossível a formação histórica do Brasil. O aventureirismo, a rotina, a falta de imaginação capaz de projetar a nós mesmos para mundos utópicos artificiais, fez com que uma cultura estrangeira se adaptasse ao novo ambiente. Mas nesse sucesso está também o nosso fracasso, porque ele impediu a criação, entre nós, de uma esfera pública ampla e democrática. Ao contrário, o homem cordial acabou favorecendo a criação de um estatismo que subtrai as energias da nossa frágil cidadania.

Na medida em que desvendamos o universo de reflexão de Sérgio Buarque, vamos também revelando a sua vigorosa capacidade de apreensão do passado e da história. Esse aspecto é muito importante em sua obra, porque a história, para ele, não é um conhecimento encerrado na observação do passado, mas uma apreensão das possibilidades da mudança social. Por isso, até os títulos de seus livros sugerem mudanças (*Caminhos e fronteiras*, *Extremo Oeste*, etc.). Assim devemos encarar a sua percepção do homem cordial, não como um dado imutável e irreversível de nossa formação, mas como sistema de referências em permanente mudança, em movimento e em transformação. A percepção aguda da cordialidade não a congela, não a isola, mas situa-se no que ele chamaria de corrente móvel dos acontecimentos. O trabalho de compreensão histórica do passado é, justamente, o oposto do sentimentalismo. Aliás, diria Sérgio Buarque:

Estamos aqui nos antípodas do sentimentalismo, que este sim, é naturalmente uma coisa ou uma época, queremos-la com exclusividade e ciúme, contra as outras coisas e contra outras épocas. Por isso repito que o sentimentalismo é o que há de mais avesso ao senso do passado. Não é próprio do historiador, mas do mau antiquário. O próprio do historiador não está em querer ver e enaltecer o passado no presente ou vice-versa, mas em reconhecer e estimar as formas diferentes que se sucedem através dos tempos.¹¹

Ensaio de
nacionalidade:
cordialidade, cidadania
e desterro na obra de
Sérgio Buarque de
Holanda

Locus:
revista de
história,
Juiz de Fora,
v. 12, n. 1,
p. 145-159, 2006

Por se tratar de um historiador apegado aos sentidos da mudança, sua análise da cordialidade, em vez de fechar os nossos horizontes para novas opções, abre um leque de reflexões de caráter alternativo, fluido, incerto, mas rico em sugestões.

Na perspectiva assumida por Sérgio Buarque alinham-se os redescobridores do Brasil, aos quais nos referimos no início desse artigo. Não são pensamentos para serem cristalizados e isolados em sua historicidade. Muito ao contrário, esses autores abrem, justamente, o diálogo entre o passado e o presente, não permitindo que os coloquemos em um “pedestal perene”, como o próprio Sérgio Buarque dizia. Uns mais do que outros descortinaram a cena da história brasileira, fazendo surgir nuances e vozes até então legadas pelo discurso dos historiadores. Sérgio Buarque mostrou-se atento aos novos modos de apreensão do passado e poderemos até acrescentar que as vozes resgatadas do silêncio nada mais seriam do que a reverberação no presente de uma nova esfera pública em vias de constituição. Aqui, o presente e passado poderiam se tocar e o homem cordial, com o seu fundo afetivo, personalista, rotineiro estaria dando lugar para o cidadão de uma nova democracia brasileira. Assim, ao mesmo tempo em que novos sujeitos são resgatados do silêncio do passado, no presente, também a esfera pública renasce com novas demandas, nova diversidade e também outra perplexidade. Assim, segundo Sérgio

é dessas opiniões que se faz a história em grande parte e a história do Brasil em quase tudo. Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes que os outros, os que apenas escrevem a história.¹²

Ao final desse percurso pelos meandros da cordialidade nos perguntamos uma outra vez “quem somos” e vamos concluindo pela escolha de uma postura política menos dependente de uma ontologia do ser nacional. A obra de Sérgio Buarque nos serve de orientação. Apesar de envolvido na questão da essência da nacionalidade, Buarque não a petrificou e tampouco a tornou um obstáculo para a liberdade da ação política. Aquilo que se espera da liberdade da ação política é que também se projete sobre ela um passado, que não se tornou um pedestal perene, mas que, recriado pelo presente, incite a mudança. Talvez tenhamos que ficar atentos para as tentações do fraseado demagógico, dos formalismos e das soluções abstratas e milagrosas, tão comuns à cultura brasileira. Por esse motivo, a obra *Raízes do Brasil* termina com um parágrafo que pode ser uma advertência: “há um demônio pérfido e pretensioso, que se ocupa em obscurecer aos nossos

olhos estas verdades singelas. Inspirados por ele, os homens se vêem diversos do que são e criam novas preferências e repugnâncias. É raro que sejam boas.”¹³

Abstract

The question of “Who Are We?” was raised in the nineteenth century, with the consolidation of the national state in Brazil and it has remained our most urgent question becoming since that time a genuine obsession for Brazilian intellectuals. Indeed, from this quest to “be national,” all the political ideas and models put forth by Brazilian intellectuals since the nineteenth century have emerged. This text examines how the works of Sérgio Buarque de Holanda fit into this perspective, reformulating it.

Keyword: Sérgio Buarque de Holanda, Nationality, Cordiality.

Notas

² *Revista do Brasil*, n. 6, 1987, p. 43

³ PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1990. p. 127.

⁴ *Raízes do Brasil*, 1997. p. 146.

⁵ Corpo e alma do Brasil: ensaio de psicologia social In: *Revista Espelho*, 1935. Republicado na *Revista do Brasil*, n. 6, p. 34, 1987.

⁶ *Raízes do Brasil*, p. 205.

⁷ Op cit. p. 110.

⁸ *Raízes do Brasil*. Livraria José Olympo, 1936. p. 3

⁹ *Raízes do Brasil*, p. 157-158.

¹⁰ *Revista do Brasil*, n. 6, p. 98, 1987.

¹¹ O senso do passado In: *Revista do Brasil*, n. 6, p. 82, 1987.

¹² Introdução às memórias de Thomas Davatz In: Maria Odila Dias. Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Ática: 1985. p. 173-174.

¹³ *Raízes do Brasil*, p. 188.

Artigo recebido em 3 de agosto de 2006 e aprovado em 7 de novembro de 2006